

A República e as Letras



BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IN MEMORIAM

DE ANÍBAL PINTO DE CASTRO
(1938-2010)

Eis que partiu uma figura gigantesca da nossa Escola e de todos os espaços institucionais das Humanidades: a morte veio contrariar o desejo que, dando voz ao anseio de tantos, em Novembro de 2007 pude proclamar na Sala dos Capelos – o de com júbilo e com confiante expectativa saudarmos, uma e outra vez, *Hannibal ad portas!*

Enorme pelo «honesto estudo» que invocou no título do seu último livro, o Doutor Aníbal Pinto de Castro (Cernache, 17.01.1938 – Coimbra, 8.10.2010) distinguiu-se por extraordinária grandeza académica e invulgar estatura humana (tão coerente e desassombradamente assumida como cristão e como português), que decorriam por igual da «longa experiência» que da vida foi criteriosamente recolhendo e do raro «engenho» que Deus lhe concedera. A sua personalidade pletórica identificava-se com a assombrosa erudição da sua obra e com a irradiação do seu verbo de escritor modelar e de orador exímio, tão favorecido pelo domínio vernacular da língua portuguesa e pelo excelente conhecimento das clássicas regras de retórica. O brilho das suas copiosas publicações e a eloquência de centenas de lições e palestras, de conferências e comunicações em congressos e colóquios, sobejamente justificavam que fosse enaltecido por um seu fulgurante Colega (V. M. Aguiar e Silva) como verdadeiro “prodígio barroco”.

Até agora, a sua presença não só era para nós fonte pródiga de sabedoria, de inteligência estimulante e de espírito crítico, mas valia também – e não é este o menor dos serviços que prestou à Universidade, à Cultura e à Sociedade portuguesas! – como insofismável factor de exigência (na aferição da pertinência das questões, do rigor do pensamento, da propriedade do discurso... e até da autenticidade das atitudes), tão notoriamente sentido em cada simpósio ou júri, em cada painel ou reunião, de que participava.

Cabe-nos doravante honrar o seu legado e dar prossecução à sua obra, tentando cumprir-nos, segundo o lema de Bernardo de Chartres, como *nani super gigantum humeros*.

Desde os tempos de Assistente de Filologia Românica (1961) aos de Professor Catedrático (1981), ao longo de operosa carreira de mais de 40 anos, regeu cadeiras de Literatura Portuguesa, Estudos Camonianos, Literatura Francesa, Literatura Italiana, etc., e cursos de Mestrado em Literatura Portuguesa e em Estudos Clássicos. Nessa actividade docente e em múltiplas missões colaterais (dirigiu o Instituto de Língua e Literatura Portuguesas e o Instituto de Estudos Italianos, presidiu à Comissão Científica do Grupo de Estudos Românicos e ao Secretariado do Curso de Especialização em Ciências Documentais, etc.), a sua vida de Professor da Faculdade de Letras – só forçada e amargurantemente interrompida quando, em período de convulsão política, a sua tão amada *Alma Mater Conimbrigensis* não soube permanecer imune a desvarios sectários – traduziu-se sempre em entrega incondicional à criação e difusão do saber científico e pautou-se por dedicação inexcedível à Universidade de Coimbra.

Esse imperativo de consciência foi nele sempre mais forte e pregnantante do que os circunstanciais motivos de desencanto e os conjunturais obstáculos de realização; por consequência, muito justamente pôde certo dia o saudoso Mestre fazer ressoar *pro domo sua* na Sala Grande dos Actos os lapidares versos de Camões: «mais servira, se não fora / para tão longo amor tão curta a vida».

Profundamente empenhado numa vivência actualizada e coerente do conceito de *Vniuersitas magistrorum ac scholarium* inscrito na bula fundacional da nossa Universidade, e na prática séria daquela cumplicidade fecunda entre mestre e discípulo que tal matriz implicava, Aníbal de Castro personificava exemplarmente – com seu temperamento expansivo, seu carácter franco, sua facúndia atraente, seu entusiasmo contagiante (e, diríamos com Urbano Tavares Rodrigues, seu humor fabuloso) – a figura do professor que realiza a sua nobre vocação mesmo fora do contexto da aula ou da conferência. Esse magistério convivial estendia-se também à correspondência epistolar, de que foi dotado cultor, num estilo elegante e vibrante tanto nas missivas de diálogo sapiencial, quanto nos lances de inconfundível ironia perante a pequenez deste mundo e as vaidades ou cobiças dos homens.

Cioso de transmitir às gerações mais novas o genuíno espírito universitário de amor ao saber e honestidade intelectual e os inerentes valores de ética do trabalho e do serviço, por todos os modos soube criar escola. Enquanto investigador, ilustrou paradigmaticamente a integração superadora do potencial não caduco de disciplinas tradicionais da Filologia e dos Estudos Literários em novas perspectivas heurísticas e hermenêuticas – antecipando, quase uma por uma, as reformulações deste nosso tempo de questionação epistemológica e de “retornos” da História Literária, da Filologia, da Retórica, da Estilística; e, além das abundantes e seguras aquisições que resultavam da sua pesquisa, ensinou a inventariar as questões pendentes e a adiantar os materiais existentes tendo em vista incentivar outros investigadores. No desenvolvimento do seu ensino, colação desse labor de pesquisa e explanação, teve a constante preocupação de formar especialistas e fazer discípulos, através dos inúmeros Cursos de graduação e pós-graduação que regeu, sobretudo em Coimbra, mas também em várias universidades portuguesas e estrangeiras. Dessa vertente do seu labor magisterial depõem mais de duas dezenas de dissertações de Doutoramento e mais de três dezenas de teses de Mestrado levadas a bom termo (e em parte publicadas) sob a sua prestimosa e instantânea orientação. Todavia, os bons rastros discipulares do seu ascendente científico manifestam-se ou deixam-se detectar em muitas outras obras de diferentes autorias e latitudes.

A sua empolgante capacidade de realização e o prestígio do seu parecer certo manifestaram-se também na condução de grandes empreendimentos editoriais, *maxime* na *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* e na *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesas*, e na actuação como membro do Conselho Editorial da Imprensa Nacional Casa da Moeda, da Comissão das Comemorações do VII Centenário da Fundação da Universidade de Coimbra, da 3.ª Secção do Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Cultural (Bibliotecas e Arquivos), do Conselho Superior das Bibliotecas Portuguesas, etc.

A projecção científica e cultural de Aníbal de Castro estendeu-se *extra muros*, em Portugal e no estrangeiro (sobretudo no Brasil, em Itália e Espanha, mas também por todo o espaço europeu e americano de culturas de línguas neo-latinas). Entre outras prestigiadas sociedades científicas nacionais e internacionais, honraram-se fazendo-o seu

membro de relevo a Academia das Ciências de Lisboa, a Academia Portuguesa da História, a Real Academia da História de Espanha, o Institute of Romance Studies da Universidade de Londres (“Honorary Senior Research Fellow”), a Academia Nacional de la Historia de Venezuela, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro), a Sociedade Internacional de História da Retórica, a Sociedade Internacional de Literatura Comparada, a Sociedade de Geografia de Lisboa, o Instituto Cultural de Ponta Delgada. Avisadamente, algumas delas confiaram as máximas responsabilidades de direcção à autoridade do seu saber e à eficiência do seu dinamismo organizativo – a exemplo da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (de que foi fundador e logo depois, e até à sua aposentação em 2005, devotado Coordenador Científico), da Casa-Museu de Camilo Castelo Branco e do Centro de Estudos Camilianos, da Fundação Inês de Castro.

Infatigável investigador, prodigalizou durante décadas intensa e poliédrica produção científica, que – estendendo-se da Literatura Portuguesa às áreas de História da Teorização Literária, Literatura Comparada, Crítica Textual, História da Cultura, História Religiosa, História do Livro e das Bibliotecas – impressiona sobremaneira pela amplitude diacrónica e pela diversidade dos temas, bem como pela versatilidade de perspectivas. Sempre alicerçados em idêntica segurança de fundamentação teórica e de competência metodológica, os seus trabalhos – além das teses universitárias, uma mancheia de livros marcantes (de *Narrador, tempo e leitor na novela camiliana*, 1976, a *António Vieira, uma síntese do barroco luso-brasileiro*, 1997, de *Eça de Queirós. Da realidade à perfeição pela fantasia*, 2001, a *Camões, Poeta pelo Mundo em pedaços repartido*, 2003, e a *Páginas de um Honesto Estudo Camoniano*, 2007) e perto de duas centenas de ensaios e artigos, estudos preambulares e recensões – privilegiaram a literatura portuguesa dos períodos clássico, barroco e moderno, em torno de Camões, Padre António Vieira, Camilo e Eça de Queiroz, ainda que ascenda a mais de duas dezenas o número de autores que foram objecto da sua investigação e que lhe mereceram edições primorosas e ensaios notáveis (e. g. D. João I, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Diogo Bernardes, Aquiles Estaço, Damião de Góis,

Fernão Mendes Pinto, D. Fr. Amador Arrais, Fr. Luís de Sousa, P.e José de Anchieta, Marquesa de Alorna, José Anastácio da Cunha, António Nobre, Almeida Garrett, António Sardinha, Hipólito Raposo, Eugénio de Castro, Afonso Lopes Vieira, Tomaz de Figueiredo e Miguel Torga, entre muitos outros). Não surpreende, pois, que a Universidade tenha consagrado com as mais elevadas classificações a inovadora dissertação de licenciatura *Balzac em Portugal. Contribuição para o estudo de influência de Balzac em Portugal e no Brasil*. (19) e a monumental dissertação de doutoramento *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. (19), ao mesmo tempo que o ensaísta se via distinguido por galardões como o Prémio Internacional de Crítica Literária Jacinto do Prado Coelho e constantemente solicitado a colaborar na *Revista Portuguesa de Filologia*, na *Revista de História Literária de Portugal*, na *Brasília*, nos *Arquivos do Centro Cultural Português (Paris)*, na *Humanitas*, na *Colóquio/Letras*, etc.

Poucos poderiam com ele ombrear como bibliófilo e conhecedor do livro. Por isso, como oportunamente lembrou o Doutor António Manuel Rebelo (em certo elogio académico depois recolhido no volume V da 2ª série desta revista *Biblos*), foi com pleno acerto e evidente justiça que o Magnífico Reitor o nomeou Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, cargo que exerceu desde 1984 como adjunto do Doutor Luís de Albuquerque e, a partir de 1987, como titular, até 2004, quando solicitou a sua substituição.

Destacou-se então o seu especial empenho em enriquecer o património intelectual da Universidade, além de dar continuidade a essa prestigiada série dos *Acta Vniuersitatis Conimbrigensis*, que tanto contribuiu para a formação científica e para a divulgação do saber de várias gerações. Debatendo-se com carência de recursos materiais e humanos, não se poupou a esforços na angariação de meios financeiros junto de instituições públicas e privadas, concitando apoios, movendo interesses e articulando iniciativas para a aquisição de preciosos fundos bibliográficos e documentais de vários professores da nossa Universidade – como os de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, dos Doutores Rebelo Gonçalves, Mendes dos Remédios, Mário Brandão, Paiva Boléo, Herculano de Carvalho, Maria Augusta Barbosa – e de gran-

des vultos da cultura portuguesa – e. g. Eugénio de Castro e Oliveira Martins. Assim conseguiu enriquecer o acervo da mais importante Biblioteca universitária do País e disponibilizar, aos colegas e discípulos da Academia de Coimbra e demais investigadores portugueses e estrangeiros, manuscritos e espécimes bibliográficos cujo acesso lhes estava até então vedado.

Homem de saber escorado na grande tradição das Humanidades, nem por isso se mostrava menos atento e aberto às novidades emergentes e à sua ponderada e oportuna adopção. Ciente das potencialidades do universo cibernético para o mundo universitário, não descurou a informatização do Catálogo Colectivo da Universidade, pois foi sobretudo sob a sua Direcção que começou efectivamente a ser implementado um Sistema Integrado de Informação Bibliográfica, sempre tendo como objectivo prioritário servir cabalmente os docentes, alunos e investigadores da Academia e permitir uma ligação eficaz com outras bibliotecas nacionais e estrangeiras. Paralelamente, promoveu a participação da Biblioteca na Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE). Através de financiamentos externos que ele, por iniciativa individual, soube procurar, adquiriu para a Biblioteca o sistema LIBERTAS, substituído em 2003 pelo actual sistema MILLENIUM. Em Junho de 1997, um ano e meio depois da inauguração do Catálogo Público em Linha, já este comportava uma base com cerca de 300.000 registos (cf. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* 43 (1997) p. 324) e em 2004 integrava cerca de meio milhão (mais concretamente 612.384).

Cidadão livre de quaisquer servidões plutocráticas e partidocráticas, foi justamente condecorado pela República Portuguesa e pela República Italiana em reconhecimento dos seus altos serviços cívico-culturais – enquanto a generosidade do seu coração e a convicta adesão da sua alma à primazia do amor cristão o levavam a doar muito do seu tempo e da sua energia à direcção da Sociedade Filantrópico-Académica e da Casa da Infância Elísio de Moura, à Provedoria da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, à presidência da Confraria da Rainha Santa Isabel, à orientação da Real Ordem de Nossa Senhora da Conceição (de Vila Viçosa). Mesmo aí, era a integridade alodial do universitário insigne que dava sentido exemplar aos seus trabalhos e dias!